



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

26 DE ABRIL DE 1976.

VISITA A FRANÇA.

NO PALACIO TRIANON, POR OCASIAO  
DO JANTAR OFERECIDO PELO PRESI  
DENTE GISCARD D'ESTAING.

Senhor Presidente,

Há quase doze anos recebia o Brasil, na pessoa do General Charles de Gaulle, a primeira visita oficial de um Chefe de Estado francês. Foi aquela memorável ocasião, motivo de dupla alegria no Brasil pelo que representava de importância para as relações franco-brasileiras e pela oportunidade que deu aos brasileiros de homenagear quem foi não somente um herói de França, mas também um cidadão do Mundo.

Cabe-me, agora, o privilégio de retribuir a visita do Presidente da França, atendendo a honroso convite de Vossa Excelência. É dever de reconhecimento que minhas primeiras palavras sejam para reverenciar a memória daquele que iniciou, com o Presidente Castello Branco, esses contatos entre os Chefes de Estado de nossos países. Minha visita é, também, a primeira de um Chefe de Estado brasileiro à França. As relações entre nossos povos estão a atingir uma intensidade que certamente propiciará, no futuro, um convívio mais estreito entre os Primeiros Mandatários dos dois países.

Acredito, Senhor Presidente, que, nas atuais circunstâncias, este encontro assinala um momento

de escolha para ambos os países, cuja importância não fere à modéstia ressaltar, pois o projeto aí implícito não glorifica pessoas, mas visa exclusivamente a servir aos interesses maiores de nossos dois povos.

A França tem-se distinguido na História pelo inabalável sentido de missão de seu povo, na defesa e propagação dos valores humanísticos que caracterizam o que hoje se chama de Mundo Ocidental. De forma extraordinária, o povo francês tem sabido rejuvenescer-se, beneficiando-se do inesgotável manancial de sua brilhante tradição, e isso, sem perder aquele sentimento fundamental de missão.

Houve época em que tais sentimentos nacionais se processavam no âmbito de uma História circunscrita a universos mais ou menos cerrados. Isso já não é mais possível no mundo de hoje em que a interdependência tende a ser global. É mérito inegável da França é haver sido, entre os países economicamente desenvolvidos, daqueles que, mais cedo e mais amplamente, apreenderam a complexidade dessas novas relações. A França soube perceber, logo, que essa interdependência não é destituída de sinal e que ela pode ser positiva ou negativa para os valores que todos consideramos essencial preservar e propagar.

O Brasil parte de uma realidade histórica, social e cultural diversa da francesa, mas chega, na avaliação do seu destino nacional, a conclusões que tornam excepcionalmente propício o entendimento com a França.

Tem o povo brasileiro arraigado sentimento de fidelidade àqueles mesmos valores inerentes à civilização do Ocidente, para a qual a França contribuiu com o melhor de sua realidade conceitual e de sua produção cultural. Essa comunidade de sentimentos, só por si, tenderá a aproximar cada vez mais os nossos povos no futuro, como foi capaz de mantê-los próximos, no passado.

Mas, a essa coincidência, quase estrutural, acrescentam-se convergências de ordem conjuntural que resultam do modo pelo qual nossos países encaram o fenômeno da interdependência.

O Governo brasileiro tem, das relações internacionais contemporâneas, uma visão realista e pragmática, que o não deixa seduzir-se por simplificações utópicas ou cataclísmicas. Aceitamos a complexidade do real, sua diversidade, suas ambigüidades, como também suas esperanças e suas promessas. Sem perdermos de vista, em qualquer momento, os objetivos comuns que nos unem aos demais povos do mundo e, em especial, àqueles com os quais repartimos metas mais definidas ou imediatas, nunca deixamos de ter, por outro lado, a consciência nítida de que é através da própria realidade nacional que um povo se projeta na História.

A Nação francesa, que de formas tão expressivas tem demonstrado ao mundo seus sentimentos patrióticos, saberá compreender o alcance e a grandeza de iguais sentimentos no povo brasileiro, aos quais meu governo busca dar corpo, traduzindo-os em ação.

Saber aceitar a diversidade dos povos e das aspirações nacionais é, a cada momento que passa, mais urgente e mais necessário. As categorizações excessivamente amplas e arbitrariamente rígidas, em virtude de simplificações que procuram atender mais às conveniências das burocracias econômicas, nacionais e multilaterais, do que às necessidades reais dos Estados, acirram as confrontações e podem agravar, com novas injustiças, as iniquidades que precisamente desejamos eliminar.

Não é só no plano econômico que vemos as Nações presas em compartimentos que mal se acomodam às suas dimensões e, por conseguinte, às suas aspirações e possibilidades. E não há retórica nesta imagem, quando assistimos, com alguma frequência, à interposição de obstáculos de natureza artificial ao crescimento econômico de outras nações, por parte de países desenvolvidos, em consequência de critérios pré-determinados. De minha parte, estou convencido de que tais obstáculos terminam, na maioria dos casos, por desservir aos próprios interesses mais amplos dos países desenvolvidos.

Também no plano político, existe a tendência para enrijecer categorias, como ocorre com a própria noção de Mundo Ocidental. Vemos, com apreensão, entre os países mais desenvolvidos, sinais de certa inclinação exclusivista que poderia conduzir à alienação dos países em desenvolvimento, primeiro no plano conceitual, e, em seguida, no plano operacional, em relação ao universo ocidental. Essas inclinações corresponderão sem dúvida, a motivações históricas

ponderáveis, às quais não estarão estranhas, preocupações com a preservação legítima de determinados valores, sendo porém indispensável distingui-las daquelas que trazem no seu bojo o desejo de conservar privilégios. Em muitos casos, porém, faltará a disposição ou a capacidade de entender o processo histórico, que ocorre, alhures, em condições distintas.

Sei bem quão relativas são as lições da História. E, por isso, não sei se se pode dizer que os países mais jovens, os que surgiram, para a vida independente, da luta contra o colonialismo, os que têm que fazer esforços dobrados e redobrados para não ficar retardados na marcha do progresso, não sei se deles se pode dizer que têm o benefício das experiências vividas pelas nações mais antigas, tanto são diferentes as condições em que exercem sua vida nacional. Mas certo é que as grandes Nações desenvolvidas não conhecem, nem conheceram, em qualquer fase de sua história, o drama comum à maioria dos países em desenvolvimento: o de construir a Nação, o de desenvolver a economia e o de promover o equilíbrio social em seus países, sob a pressão dos modelos tecnológicos e das influências dos países mais desenvolvidos, preservando, ao mesmo tempo, sua identidade cultural e evitando sacrificar, irremediavelmente, os valores fundamentais da Nação.

Senhor Presidente,

Nossos Governos oferecem exemplos de como é possível evitar o agravamento dos problemas que

defrontam as Nações, pois recusam a solução fácil através de generalizações apressadas, de imprecisões e de isolamento.

O Brasil, como a França, tem procurado mergulhar no real, à busca do entendimento para a criação harmônica do futuro. Não nos preocupa justificar ou condenar o passado, pois as Nações, como os indivíduos, erram ou acertam e, se não podem, *a priori*, ser absolvidas de futuros enganos, não devem ficar, tampouco, estigmatizadas por passados desacertos. Nosso empenho é o de, honesta, determinada e otimistamente, buscar a cooperação com todos os povos animados de sentimentos compatíveis com os nossos, para que, num mundo mais justo, nossas Nações possam ser mais verdadeiras e o homem — cada homem —, possa ser mais dono de sua existência e da capacidade de bem usufruí-la.

Senhor Presidente,

Antecipo grande proveito para ambos os países dos esforços que vêm desempenhando nossos Governos para ampliar a cooperação bilateral em variados domínios. Desses esforços estou certo, surgirão oportunidades crescentes de entendimento. Na verdade, tudo parece indicar que estamos no limiar de uma nova era nas relações entre os nossos dois povos.

Desta extraordinária Versaillles, que foi e continua a ser ponto de convergência das atenções de todos quantos na França vêm beber à fonte de sua

cultura eterna, desejo saudar o povo francês e a amizade franco-brasileira. Aos presentes, peço que, comigo, ergam suas taças para brindar à perenidade dessa amizade e para beber à saúde do Presidente Giscard D'Estaing e de sua Excelentíssima Esposa.